

O Caso VICTOR BOUT

Tráfico de armas, mísseis roubados, submarinos soviéticos, explosões nucleares e o 11 de Setembro

Leia esta nova, fascinante, inquietante e desafiadora entrevista dada ontem por um antigo oficial dos serviços secretos soviéticos e autor de <http://www.911thology.com/>, Dimitri Khalezov. O jornalista de investigação e autor de SHADOW MASTERS, Daniel Estulin fez esta extraordinária e cativante entrevista e enviou-me uma cópia pelo correio electrónico, autorizando-me a publicá-la no meu blog.

G. ALEXANDER, 13 de Outubro de 2010

Entrevista de Dimitri Khalezov a Daniel Estulin

Dimitri Khalezov é um ex-oficial do quadro do Exército Soviético, mais propriamente da “Unidade Militar 46179”, mais conhecida como “Serviço Especial de Controlo” da “12^ª Divisão Principal” do Ministério da Defesa da União Soviética. Aquiesceu em dar-me esta entrevista em exclusivo e é com prazer que oferecemos aos leitores de <http://www.danielestulin.com> mais um documento de primeira qualidade. Dimitri é uma peça crucial do quebra-cabeças em que se tornou o caso Victor Bout. É seguro dizer-se que, sem aos esforços dedicados de Dimitri para ajudar o Sr Bout, sem o seu carácter incorruptível e sem o seu brilhantismo, Victor já estaria neste momento atrás das grades de alguma prisão de alta segurança nos Estados Unidos da América. Dimitri foi o primeiro homem a ver o Sr Bout após a sua mundialmente famosa detenção em Banguécoque e foi, em todo o mundo, quem mais deu as dores de cabeça ao governo dos EUA neste caso. Além disso, Dimitri Khalezov foi a primeira pessoa no mundo inteiro a desvendar os verdadeiros propósitos do governos dos EUA ao tomar a iniciativa de perseguir Victor Bout. A prisão do Sr Bout está directamente associada ao 11 de Setembro. O Sr Khalezov, usufruindo de uma rara posição de vantagem como antigo membro dos serviços militares de informação “atómica”, hoje “nuclear”, da União Soviética, tomou conhecimento do denominado “esquema de demolição nuclear de emergência” das Torres Gémeas na década de 1980, quando ainda trabalhava no Serviço de Controlo Especial Soviético.

DANIEL ESTULIN

Como se viu envolvido neste caso?

Tanto Victor Bout como eu somos russos. Ambos fomos oficiais do exército soviético. Além disso, viemos da mesma vila. Penso que são razões suficientes para tentar ajudá-lo, pois Victor foi preso em Bangucoque e eu tenho vivido em Bangucoque durante todo o tempo da sua prisão. Acontece também que tenho bastante experiência na legislação tailandesa, o que é fácil de compreender se atendermos ao facto de o governo dos Estados Unidos da América ter tentado prender-me e forçar a minha extradição para aquele país, na sequência dos acontecimentos do 11 de Setembro. Isso aconteceu em 2003. Logo, tenho boas razões para tentar ajudar o Victor.



Victor Bout

Em Março de 2008, Victor Bout foi equiparado a Ossama Bin Laden na cena internacional. Como conseguiu visitar Victor Bout no próprio dia da detenção em Bangucoque?

Pelo Código do Processo Criminal da Tailândia, qualquer pessoa detida tem o direito inalienável de receber a visita de amigos enquanto estiver presa. Victor Bout, apesar de ter sido chamado o “Mercador da Morte” e “Senhor da Guerra”, não foi excluído destes direitos. Bastou-me chegar à esquadra da polícia onde Victor estava detido e solicitar uma visita ao meu amigo. Tiveram que conceder-me a autorização, por mais que lhes custasse. Na realidade, a polícia até se esforçou por me ajudar. Deixaram-nos conversar tranquilamente num sofá no meio de um corredor. Habitualmente, as conversas com os presos são permitidas somente através das grades das celas, mas quanto a mim e ao Victor, abriram uma excepção.

Há alguma ligação entre o seu caso, Victor Bout e o 11 de Setembro?

É o que parece. Eu fui alvo de um pedido de extradição para os EUA por alegadas ligações ao 11 de Setembro e ao atentado a Bali em 2002 (que foi um

explosão de uma mini-bomba atômica); quanto a Victor Bout, os americanos pretendem que tem ligações ao 11 de Setembro e ao bombardeamento de El-Nogal em 2003. Por acaso, acontece que também El-Nogal é conhecido como um ataque por mini-bomba nuclear, pelo menos entre os oficiais responsáveis das forças de segurança. Como vê, há semelhanças.

Quem são os principais actores: os EUA ou o campo de Bout?

Pode parecer que existe um certo “campo de Bout”, mas essa impressão não tem razão de ser. O chamado “campo de Bout” é constituído por Victor Bout, a sua mulher, o seu irmão, a sua mãe, a sua irmã, eu (Dimitri Khalezov), uns poucos amigos pessoais de Victor vindos da União Soviética, o seu advogado tailandês - O Sr Lak Nittiwatvicharn, o seu advogado russo, também Daniel Estulin, claro e talvez alguns jornalistas que vieram conhecer Victor e a sua família durante a investigação do caso. Se quiser chamar a este exército de pés-rapados o “campo de Bout”, então sim, há dois actores principais - o “campo de Bout” e o campo dos EUA. Para além do governo dos EUA, há, todavia, mais uns quantos actores poderosos que se colocaram contra Victor.

Quais são esses actores poderosos e porque não ouvimos ainda falar deles?

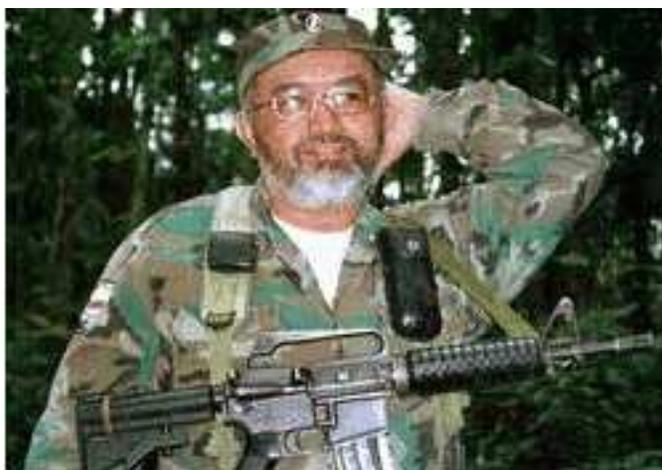


Um dos ramos dos serviços secretos russos: o FSB

O principal é o governo da Rússia (ao menos alguns indivíduos muito influentes desse governo), mas também o serviço secreto russo.

Como? Está a falar a sério? Acabou de acusar o governo russo de trabalhar contra Victor Bout, quando meio mundo anda convencido de que, não fora Putin e Medvedev, Victor Bout já estaria extraditado há muito tempo?

Nada irá ouvir da parte deles, porque não são tão estúpidos como parecem. Irão encenar exactamente o contrário - de que estão, alegadamente, a “ajudar” Victor Bout. Mas não se engane - desde o princípio deste caso sem precedentes, o lado russo esteve fortemente envolvido com os EUA na trama completa envolvendo a montagem da armadilha e o aliciamento que o trouxe a Banguécoque. Foi concebida e trabalhada em conjunto - pelos serviços secretos russos e americanos. Além dos russos, outros actores colaboraram. Primeiro, os serviços secretos israelitas - a Mossad e o Sayaret Matkal. Estão igualmente interessados neste caso. Isso foi demonstrado pelo envolvimento sem precedentes do Sayaret Matkal no caso de um dos dirigentes das FARC - Raul Reyes e o “seu” urânio de grau de pureza adequada a aplicações bélicas como explosivo nuclear, que “alguém” depositou num campo da floresta do Equador. Não desconsiderar este pormenor - Raul Reyes foi assassinado em 1º de Março de 2008 e Victor Bout foi aliciado para se deslocar a Banguécoque a 4 de Março. Aí, foi confrontado com acusações relacionadas com as FARC e o urânio, mas os papéis legais que requeriam à Tailândia a detenção foram submetidos ao lado tailandês pelos americanos no último dia de Fevereiro - isto é, antes do assassinato de Raul Reyes.



Raul Reyes

Repare também que foi a israelita Sayaret Matkal (uma organização altamente especializada que trata de armas nucleares inimigas e somente disso) quem se envolveu no assassinato de Reyes e na “descoberta” do “seu” urânio. Além disso, Victor Bout não chegou sozinho a Banguécoque, mas na companhia do um estranho “amigo” - um certo coronel da FSB russa, o qual foi inicialmente preso com Victor e mais tarde libertado e despachado para Moscovo no primeiro avião disponível. Para enterdermos quão improvável isto é, tentemos imaginar

a seguinte situação. Suponhamos que uma qualquer polícia secreta (francesa, por exemplo) consegue atrair Osama bin Laden a Paris com a promessa de que o terrorista saudita irá encontrar-se com os seus irmãos muçulmanos numa reunião destinada a derrubar a Torre Eiffel com uma mini-bomba atómica roubada de fabrico soviético. Mas Osama bin Laden não chega sozinho a Paris, antes na companhia de um coronel dos serviços de contra-espionagem dos talibãs que decidiu viajar com Osama nessa única ocasião - para ter a oportunidade de ver o Louvre e a Torre Eiffel (antes de ser bombardeada). Os serviços secretos franceses prendem ambos - Osama bin Laden e o coronel talibã. Mas só então os franceses se dão conta de que pretendem Osama e não o coronel dos serviços de contra-espionagem, pessoa que, claro está, se deslocou a Paris para apreciar os seus encantos e, por mero acaso, viajou com o seu amigo Osama no mesmo voo para a capital francesa.



Rapidamente, a polícia francesa decide libertar o coronel e enviá-lo de regresso a Kabul no primeiro avião, mantendo sob custódia somente bin Laden, pois somente ele está indiciado na urdidura do golpe. Soa isto a algo razoável? Com igual razoabilidade soa a explicação do facto de a polícia tailandesa e da polícia de combate ao narco-tráfico (DEA) dos EUA soltarem rapidamente o companheiro de viagem ocasional de Victor Bout - o coronel da FSB - estranhamente chegado com o infame “Mercador da Morte” e “Senhor da Guerra” no mesmo voo, tomando o mesmo táxi, com destino ao mesmo hotel, feito em conjunto o registo de entrada na recepção, mas que, bem vistas as coisas, não tinha a intenção de o ajudá a “vender mísseis terra-ar portáteis aos sanguinários narco-traficantes das FARC” - pois só tencionava visitar Banguoque e experimentar a famosa massagem tailandesa.

Claro está, este coronel chegou a Banguoque “por engano”, mas tal “engano” foi logo corrigido pela honorável e honesta polícia tailandesa que depressa se apercebeu de que o amigo do “Mercador da Morte” estava inocente, sendo

recambiado para casa imediatamente. Acredita nesta história? Eu não! Foram, pelo menos, quatro os países pesadamente envolvidos na trama contra Victor Bout: Rússia, Estados Unidos da América, Israel e Tailândia. Há indícios de envolvimento provável de outras nações na montagem deste esquema deplorável, porém, numa escala de menor responsabilidade. Aparentemente, dinamarqueses, alemães e romenos também cooperaram; é o que se pode entender pela leitura dos papéis incriminatórios contra Victor Bout, disponíveis no Tribunal Criminal da Tailândia.

O mundo inteiro tem a impressão de que o governo russo e a sua embaixada na Tailândia envidaram todos os esforços para ajudar Bout. De facto, os EUA até já manifestam o seu desagrado pela excessiva publicidade que as aparentes movimentações discretas de Putin e companhia estão a fazer, supostamente para conseguir a libertação do Sr Bout.

Infelizmente, é um dos maiores enganões, acreditar que o governo russo está envolvido na extradição de Victor Bout e que, no processo contra ele movido pelo tribunal tailandês, a Rússia se encontra do lado de Victor. É certo que a “linha oficial”, divulgada por vários meios de informação históricos do Ocidente e até da imprensa russa, sugerem que os funcionários russos “empreenderam todos os esforços” para ajudar Victor, pois Victor poderia implicar “alguns políticos russos” em alegadas “malfeitorias”.

Esta impressão é reforçada pelo facto de a Embaixada Russa ser ocasionalmente chamada à sala do Tribunal na Tailândia, para assistir às audições do processo de extradição. Mas também é reforçada por declarações dispersas do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia. Mas é uma impressão enganadora. Os funcionários da Embaixada Russa, que visitam Victor e assistem às audições, limitam-se a cumprir as formalidades consulares normais devidas a qualquer cidadão russo; seja o cidadão chamado Victor Bout, seja o desconhecido Sergei Ivanov.



Putin em uniforme da Marinha

Dito isto, posso assegurar que, apesar de o Consulado Russo assistir a todas as sessões das audições, o juiz tailandês não foi “pressionado” pela delegação russa. É normal os responsáveis consulares assistirem a audições dos réus estrangeiros e os juizes estão habituados a isso. Em síntese, do facto de o Cônsul russo cumprir diligentemente as suas obrigações não decorre, de modo algum, qualquer tipo de “ajuda extrajudicial” ao réu Bout no tribunal.

Quanto às declarações, aparentemente de apoio, vindas do Ministro dos Negócios Estrangeiros russo, não se engane, tomando-as como uma ajuda dos dirigentes russos a Victor Bout. Tais declarações não o ajudaram nem o estão a ajudar, pelo contrário, contribuíram para tornar mais difícil a posição de Victor Bout no tribunal tailandês. Isto pode parecer estranho a um ocidental, mas é preciso entender a situação peculiar dos russos. Em primeiro lugar, para além de Putin, Medvedev e companhia, existem mais poderes políticos influentes na Rússia - os chamados “patriotas”, liderados por Vladimir Jirinovsky e os “comunistas”, para referir apenas dois exemplos. Alguns dos “russos da velha guarda” acreditam sinceramente que o governo dos EUA não deve ter o poder de prender cidadãos russos no estrangeiro, especialmente em países terceiros. Porque, se isso for feito com impunidade, abrir-se-á um perigoso precedente. Hoje, armam uma cilada e prendem um alegado “Mercador da Morte”, de facto um inofensivo desconhecedor de todos os segredos do Estado. Amanhã, invocando razões semelhantes, poderão prender um verdadeiro coronal das Forças de Mísseis Es-

tratégicos da Rússia que, por acaso, tenha decidido passar uns dias de férias na Tailândia. O governo dos EUA acusa-lo-á então de “planejar o aniquilamento dos Estados Unidos como entidade, usando golpes termo-nucleares em larga escala” e requererá a sua extradição para os EUA. Ademais, nesta hipotética situação, a acusação até faz sentido - porque tal coronel pode mesmo ter participado nesses planos, no simples exercício das suas funções.

Peço que compreendam que a maioria dos cidadãos russos e membros das forças armadas russas andam muito apreensivos com a arrogância com que os EUA pretendem exercer jurisdição em países que não são parte integrante do seu território e são especialmente sensíveis quando tais intentos visam cidadãos russos. Medvedev, Putin e companhia estão conscientes deste facto e vêem-se forçados a tê-lo em consideração quando fazem declarações públicas.



Medvedev e Putin

As reclamações públicas de apoio do Ministro Russo dos Negócios Estrangeiros parecem denotar alguma preocupação com Victor Bout no seu processo na Tailândia. Ninguém se deixe impressionar por tão piedosas reclamações. São pirotetas publicitárias. Na verdade, não incomodam mais os americanos do que os latidos dos cães vadios que se passeiam pelas redondezas do Tribunal Criminal de Bangucoque. Todas estas iniciativas do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia se destinam a acalmar internamente a população e sugerir que o governo continua a “trabalhar para a Rússia” e de que esta “ainda constitui um obstáculo para a hegemonia mundial dos EUA”. Porém, nada disso corresponde à realidade. Ironicamente, se o governo russo tivesse optado por nada fazer no sentido de ajudar Victor Bout na sua luta contra a extradição nos tribunais tailandeses, ele teria tido muito melhores condições para vencer o caso.

Os EUA pretendem Victor Bout por ser um comerciante de armas, tal como foi mencionado pela ONU e pelo jornalista Douglas Farah, ou há mais razões neste caso?

Na verdade, Victor Bout não é pretendido por, alegadamente, ser um comerciante de armas, como julgam os que prestam mais atenção aos jornais do que aos factos. Se Victor Bout fosse procurado pela razão que indica, seria lógico que os americanos não esperassem por Março de 2008 para o prenderem. Teriam iniciado o processo criminal contra Victor Bout nos recuados anos 90 ou, o mais tardar, no dealbar do novo milénio. O problema é que Victor Bout não é procurado por ser um “mercador de armas”, pelo menos não é no sentido em que foi apontado nesta encenação desprezível, ou descrito num relatório da ONU por um antigo inspector de armas irresponsável, Johan Peleman. Victor é procurado por uma razão totalmente diferente, mas talvez possamos falar disso em pormenor mais à frente.



Johan Peleman

Que força tem o governo dos EUA neste caso?

Do ponto de vista jurídico, a acusação do governo dos EUA é muito fraca e Victor Bout poderia tê-la vencido facilmente. Conseguir imaginar que a acusação (o governo dos EUA) não conseguiu trazer ao tribunal da Tailândia um único “míssil terra-ar portátil”, dos tais que Victor foi acusado de ter vendido ilegalmente “pela melhor oferta”? Mas o problema principal foi que o governo russo e os serviços secretos russos fizeram tudo quanto puderam para enfraquecer a posição de Victor no tribunal: levando Victor a orientar a sua defesa de forma juridicamente incorrecta; fazendo falsas promessas para esmoreceram a sua vigilância; mas também exaurindo financeiramente Victor, privando-o de meios de que ele necessitava para pagar convenientemente a sua defesa. Caso o governo russo estivesse efectivamente interessado em defender Victor Bout, como a maior parte das pessoas crê, poderia então, no mínimo, ter subsidiado as despesas legais para a sua defesa. Seria também de esperar que o governo russo colocasse à disposição do lado russo da defesa os juristas mais competentes, sem encargos para o réu, e, já agora, que contribuísse com um par de milhões de dólares para pagar as despesas legais do lado tailandês da defesa. Pelo menos, é lógico que assim fizesse. O que significam dois milhões de dólares, para um

governo de 150 milhões de habitantes, que vende gás e petróleo e ostenta um arsenal de armas atômicas capazes de suprimir a vida na Terra mais de cem vezes? Para que a Mãe Rússia defenda os seus cidadãos num caso assim tão notável, isto são trocos. Não lhe parece?



O Presidente Obama e o Presidente Medvedev

Mas, na realidade, o governo russo nada pagou, fosse pública ou discretamente (na forma de “donativo privado”) a Victor Bout e à sua família; não satisfeitos com isso, os serviços secretos russos ainda fizeram tudo quanto puderam para levar o irmão e a mulher de Bout a incorrer em despesas desnecessárias que acabaram por os levar à ruína. Em vez de os apoiar financeiramente, o governo russo liquidou as suas últimas poupanças. Se a isso acrescentarmos que foram os funcionários russos que aconselharam Victor Bout na formulação da sua defesa junto do tribunal tailandês - da forma mais desastrada possível - e se acrescentarmos ainda que um dos advogados de Victor Bout - um comprovado serviçal do DEA norte-americano - foi também recomendado pelos funcionários russos, compreenderá então a farsa, a injustiça e a traição cometidas. Permita-me repetir: o governo russo, desde o início, de uma forma insidiosa e muito eficaz, esteve a colaborar com os norte-americanos para que o processo de extradição de Victor Bout para os EUA vencesse em tribunal, ao mesmo tempo que promovia a imagem de uma Rússia ainda “poderosa” e capaz de “defender os seus cidadãos”.

Mas vamos aos pontos essenciais deste caso. Em primeiro lugar, os serviços secretos russos conseguiram convencer Victor e a sua mulher, Alla, a não orientar a sua defesa pela negação da existência de mísseis anti-aéreos prestes a serem vendidos às FARC. Acontece que era precisamente na refutação dessa acusação que a defesa tinha hipóteses de vencer. Os funcionários russos propuseram, ao contrário, que a defesa deveria assentar na demonstração de que a acusação

do tribunal tailandês tinha uma motivação política, pois as FARC eram uma organização política, um partido comunista. Esta orientação da defesa, aos olhos de um jurista, valeu por um suicídio. Provando que o caso era “político”, de imediato Victor aceitava a pertinência do “caso”, nele incluída a existência de mísseis. O caso poderia ter sido resolvido facilmente, demonstrando que, do princípio ao fim, se tratava de um “não-caso”. Ora, com respeito a um “não-caso”, tão-pouco pode dizer-se que seja “político”.



No entanto, Victor e a sua mulher aceitaram a recomendação dos funcionários russos e limitaram-se, durante a defesa, a alegar que o caso relacionado com as FARC era “político” - sem refutarem a acusação que estava a ser feita nos termos exactos em que estava a ser feita. O ponto mais importante de todo este caso - o de que não havia um só dos alegados “mísseis terra-ar portáteis” que tivesse sido apreendido e apresentado ao tribunal como prova, esse ponto nunca foi referido nas sessões. O advogado de Victor Bout não questionou as testemunhas de acusação sobre a razão porque os carcereiros não houvessem investigado o paradeiro dos alegados mísseis, assim privando o denominado “Mercador da Morte” do seu mortífero arsenal. Dada a forma como o advogado conduziu a defesa, os juízes convenceram-se de que Victor Bout vendia, de facto, mísseis, divergindo as partes somente na consideração da natureza das FARC: uma organização terrorista (como reclamavam os norte-americanos) ou política (como reclamava Victor). Como já terá adivinhado, o tribunal terá eventualmente discordado de tal interpretação e decidido que o caso era não-político. Dado que Victor Bout e o seu advogado da altura (um serviçal dos norte-americanos) nada fizeram para provar em tribunal que se tratava de um não-caso, de não-mísseis e de não-FARC - ao invés de uma suposta “FARC”, mera encenação para consumo

dos cidadãos norte-americanos, de “mísseis” que não passavam de um produto da sua imaginação fértil e doentia e que só existiam em relatórios forjados -, aquilo que Victor e o seu advogado conseguiram provar por ausência de contestação foi que as acusações dos norte-americanos tinham algum cabimento.



Rebeldes das FARC

Em segundo lugar, os serviços secretos russos prometeram a Victor e à sua mulher que, se Victor conduzisse a sua defesa no tribunal tailandês da maneira atrás indicada (provando que o caso era político, sem contestar a acusação precisa e sem referir a ausência de provas dos norte-americanos), então o governo russo garantiria que Victor venceria o caso, sendo que tal garantia provinha de um suposto “círculo de relações pessoais estreitas” de Putin. Decerto já reparou que esta “garantia” mais não foi que um expediente reles inventado pelos serviços secretos russos para embotar a sua vigilância e abrir caminho a que Victor perdesse o caso em tribunal, mau grado a total ausência de provas de existência dos alegados mísseis e apesar da abundância de indícios de que todo o “caso” foi urdido pela DEA norte-americana.



Acresce que a mulher de Victor, instada por mim, apresentou uma queixa muito eficaz contra a detenção ilegal do seu marido (a detenção de Victor Bout foi ilegal porque as fases processuais da extradição e as audições em tribunal deveriam realizar-se com o réu em liberdade e não atrás das grades). A apresentação desta queixa pela esposa de Victor apanhou todos os inimigos de Victor - tailandeses, russos e norte-americanos - virtualmente com as calças na mão. Acontece que a detenção de Victor Bout enfermava de vícios formais e ele deveria ter sido imediatamente posto em liberdade. Tão evidentes foram as ilegalidades cometidas na detenção, para não dizer, tão auto-explicativas, denunciadas por Alla Bout por escrito e de forma tão clara, que nem o melhor advogado do mundo teria hipóteses de refutar a exposição. A única saída deixada aos juízes foi a aceitação do caso e a decisão de libertar Victor Bout da sua custódia ilegal, prossequindo as audições do processo de extradição com o réu em liberdade. Aparentemente, não havia alternativa para os russos, norte-americanos e tailandeses que haviam trabalhado tão duramente para que Victor Bout fosse preso, posto atrás das grades, e privado de quaisquer fontes de receita. Mas que puderam fazer nesta situação? Infelizmente, descortinaram uma saída: o lado russo, o “de confiança”, abordou a mulher de Bout, convencendo-a a retirar voluntariamente a sua queixa contra a detenção ilegal do seu marido, argumentando que esta teria colocado o tribunal tailandês numa posição delicada - o que, em boa verdade, acontecia. Por este acordo, em troca e uma vez retirada a queixa, o tribunal “agradecido” determinaria a libertação imediata de Victor sob caução, um entendimento que permitia “salvar a face” a todos.

A esposa de Victor Bout voltou a depositar confiança no governo russo e aceitou retirar a queixa. Só que o “agradecido” tribunal tailandês nunca libertou Victor Bout conforme a promessa. Eis mais um exemplo da “ajuda” dos funcionários russos a Victor Bout. Esta lista de “ajudas” é muito longa, mas não irei deter-me demasiado nela para não o aborrecer. Vale, porém, referir que, por recomendação dos serviços secretos, o irmão de Victor Bout entregou

120.000 dólares dos EUA para pagar a caução, mas esse dinheiro foi furtado, a caução nunca foi emitida e o dinheiro não foi devolvido. Também por recomendação dos serviços secretos russos, o irmão de Victor Bout fez entrega de 250.000 dólares dos EUA para um suposto “acordo extra judicial” que permitiria que Victor fosse libertado antes da conclusão do julgamento. Segundo as promessas dos funcionários russos, os 250 mil dólares dos EUA, uma vez pagos, determinariam a libertação de Victor Bout a 1º de Maio de 2008. O dinheiro foi pago como requerido, mas nada aconteceu no tribunal tailandês - o julgamento continuou sem que ninguém se importasse em devolver o dinheiro ou assumisse a responsabilidade por promessa não cumprida.

Como resultado deste comportamento ignóbil dos funcionários russos, o “campo de Victor Bout”, como chamou, ficou arruinado ao ponto de, quando foi necessário traduzir vários documentos importantes do tribunal de tailandês para inglês, só para compreender o que as testemunhas tailandesas alegavam nas sessões, Victor não conseguiu arranjar os 2000 dólares dos EUA necessários. Até à data, alguns documentos importantes do processo permanecem exclusivamente em tailandês. Penso que tanto chega para se estimar em que medida o governo russo realmente “ajudou” Victor Bout. Ajudou sim, mas a perder o caso no tribunal.

Porque agiu então o governo russo contra Victor Bout?

Por causa do míssil russo, melhor dizendo, de fabrico soviético, que atingiu o Pentágono em 11 de Setembro de 2001.



Buraco na parede do Pentágono em 9/11

O quê? Penso que é melhor explicar-se e, por favor, vá devagar.

Os norte-americanos, compreensivelmente, exigiram dos russos que apontassem o louco - ou grupo de loucos - responsável pelo míssil que foi encontrado dentro do Pentágono. Considerando que se tratava de um míssil equipado com cabeça nuclear (com uma carga equivalente a meia mega-tonelada de TNT, 25 vezes mais potente que a que destruiu Hiroxima), não estranhará que os americanos tenham sido tão intransigentes junto dos russos para que estes encontrassem, sem subterfúgios, o culpado, para que fosse presente à justiça dos EUA.

É muito grave. Mas do lado russo, não há vontade em admitir a verdade - que o míssil “Granito” e respectiva cabeça termo-nuclear foi roubado ao submarino afundado “Kursk”, pois Putin tinha declarado solenemente ao Mundo, em 2000, que o submarino afundado não tinha qualquer munição nuclear.

O que é o “Granito”?

O míssil P-700 “Granito” (também conhecido na NATO pela classificação de “Naufração” ou “SS-N-19” - em que, aparentemente, o “N” significa “Naval”) é o míssil naval mais avançado da época soviética. Foi concebido para ser lançado a partir de submarinos em posição submersa e destina-se primariamente a destruir esquadras de porta-aviões. É um míssil altamente sofisticado e “inteligente”. Os mísseis “Granito” podem ser usados para atingir esquadras em combate ou outras formações, ao serem lançados em salvas de 12 mísseis simultâneos, embora também possam ser disparados isoladamente - contra alvos navais singulares, ou contra alvos terrestres imóveis (como foi claro no caso do Pentágono em 11 de Setembro de 2001). Cada míssil “Granito” pesa aproximadamente 7 toneladas, tem um comprimento de dez metros e pode voar até 625 Km à velocidade de 2,5 mach. Em regra, cada míssil está equipado com uma ogiva termo-nuclear padrão de 500 kilo-toneladas; as cargas explosivas convencionais para este míssil, embora existam, nunca foram usadas - de forma que todo e qualquer míssil “Granito” em serviço é uma arma nuclear, sem exceção.



Mísseis Granito

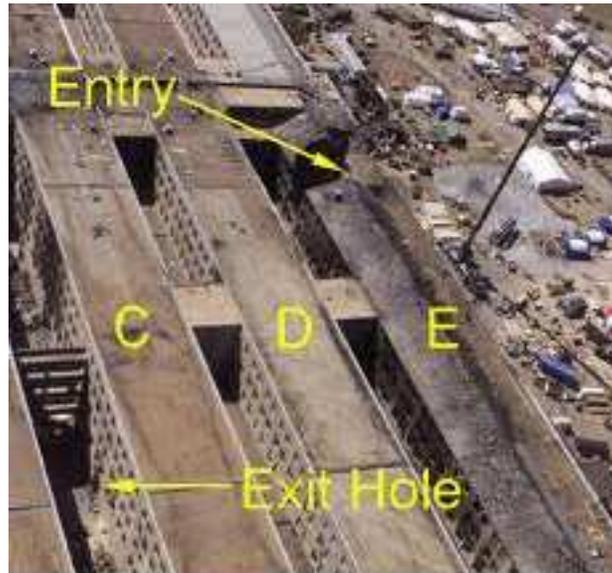
O míssil é virtualmente indestrutível, pois a NATO não dispõe de meios para o interceptar, ainda que consiga detectar precocemente a sua presença. De facto, aquando do ataque ao Pentágono em 11 de Setembro, a NORAD conseguiu detectar o míssil “Granito” a aproximar-se, pelo menos com seis minutos de antecedência sobre o momento do impacto. Os oficiais da NORAD conseguiram fazer soar o alerta de bomba atómica, levantar o chamado “avião do Dia do Juízo Final” em resposta, mas não conseguiram evitar o choque - o míssil conseguiu aproximar-se de Washington DC e embater nas paredes do Pentágono, apesar de ter sido detectado com seis minutos de antecedência. Quanto ao perigo desta arma, tire as conclusões por si mesmo. Quero ainda lembrar que os submarinos equipados com mísseis “Granito” podem ser usados contra os Estados Unidos da América como opção de reserva para ripostar a ataques nucleares, segundo os planos estratégicos soviéticos e da Rússia actual, (embora o papel principal desta retaliação esteja entregue às plataformas de lançamento de mísseis estratégicos balísticos intercontinentais e aos submarinos lança-mísseis, obviamente).

Por terem sido concebidos como possíveis armas de retaliação, os mísseis “Granito” podem também provocar explosões aéreas sobre cidades dos EUA - estão para isso equipados com detonadores livres de contactos, para além dos habituais detonadores por contacto. Devo referir que os mísseis “Granito” possuem um sistema de navegação muito avançado, integrando uma lista pré-carregada de alvos da NATO mais importantes. Ao sobrevoar o oceano, o míssil “Granito” escrutinará o teatro operacional e recolherá informações dos barcos, tentando distinguir entre os vários navios e, especialmente entre os porta-aviões, qual o alvo mais importante, o qual será seleccionado automaticamente. Ao sobrevoar o território continental, o míssil recolherá igualmente informações e procurará detectar qual o alvo estacionário mais importante no seu raio de acção, ao comparar as suas próprias coordenadas em vôo com as constantes na lista previamente gravada em memória. Uma vez seleccionado o alvo preferencial pelo computador embutido, o míssil atingi-lo-á. Assim, quando o míssil que foi disparado em direcção a Washington DC comparou dois alvos mais importantes, a Casa Branca e o Pentágono, seleccionou este último porque, na “sua opinião”, era o alvo mais importante. Devo também sublinhar que este é o míssil mais fortemente blindado do mundo - com as suas grossas paredes de aço, tanto pode ser comparado a um tanque voador como a uma bala descomunal. Devido à sua velocidade, peso e potência tremendas, foi possível ao míssil penetrar seis paredes de betão reforçado do Pentágono, quando este foi atingido em 11 de Setembro de 2001.

Certo! Por favor, continue.

Deverá compreender, neste momento, que o Presidente Putin não pôde voltar atrás na sua palavra, admitindo que mentiu encandalosamente à comunidade internacional e que todos os mísseis do “Kursk” foram efectivamente roubados. Para ir ao encontro das exigências dos americanos para que os russos entregassem o responsável pelo ataque ao Pentágono, era necessário encontrar urgentemente qualquer outra solução. Ora, uma tal solução terá sido eventualmente encon-

trada. O problema era que os mísseis “Granito”, mau grado terem sido feitos nos dias da União Soviética, só podiam pertencer à Rússia e não a qualquer outra república soviética.



Paredes do Pentágono

Pode provar essa afirmação?

Posso! O “Granito” é um míssil naval, não usado fora da Marinha. Na União Soviética havia quatro frotas navais: a frota do Ártico, a frota do Pacífico, a frota do Mar Báltico e a frota do Mar Negro. Destas quatro, a Rússia herdou integralmente três: as do Ártico, do Mar Báltico e do Pacífico. Só a frota do Mar Negro foi dividida entre a Rússia e a Ucrânia. No entanto, os mísseis “Granito” estavam em serviço apenas nas frotas do Pacífico e do Báltico; logo, tais mísseis não poderiam ter caído nas mãos dos ucranianos, nem sequer como hipótese. Todos os mísseis foram herdados pela Rússia e somente por esta. Porém, para alijar a culpa da Rússia face ao ataque feito ao Pentágono, o governo russo não teve outra escolha senão alegar que alguns mísseis deste tipo se encontravam no Mar Negro e que, por algum tempo, haviam sido propriedade da Ucrânia no período conturbado da extinção da União Soviética e da subsequente divisão do seu património (inclusivé das armas nucleares e da esquadra do Mar Negro). Por este motivo, os serviços secretos russos forjaram um relatório pós-datado, no qual era “revelado” que um dos cruzadores pesados da esquadra do Mar Negro teria sido escalado para ser re-equipado com mísseis “Granito” e que, por esse motivo, nos últimos anos de governo soviético vários destes mísseis haviam sido transportados para o Mar Negro e aí armazenados, caindo em mãos ucranianas no fim da União Soviética. Estes mísseis “Granito” em mãos ucranianas teriam sido “roubados”, acabando nas mãos de terroristas que,

supostamente, dispararam um deles contra o Pentágono. O ridículo desta versão está em que, mesmo que fosse verdade a calendarização do cruzador para reequipamento, como alegado, nunca os mísseis teriam sido armazenados com as ogivas nucleares incorporadas. Conforme as normas da União Soviética, os mísseis seriam guardados num lugar, permanecendo as ogivas nucleares noutra lugar que, além do mais, era dirigido por um departamento militar diferente. Só um leigo, desconhecedor das realidades das Forças Armadas da União Soviética e dos seus regulamentos, poderia acreditar nesta versão e na alegada possibilidade de os “imprudentes ucranianos” perderem a pista aos mísseis e às suas cargas nucleares ao mesmo tempo. Os mísseis podem ser roubadas em conjunto com as suas ogivas nucleares numa única situação - dentro de um submarino em serviço. No entanto, parece existir um oficial responsável da segurança que acredita (ou finge acreditar) nesta versão ridícula da “pista ucraniana”, desculpabilizando os russos.



O submarino Kursk

Se assim fosse, os russos estariam isentos de culpa. Os “maus da fita” que teriam roubado mísseis à Ucrânia (mas não à Rússia) seriam os culpados. Mas isso não chega: era preciso indicar uma cabeça, o verdadeiro “mau da fita”. Quem pensa que está calhado para o papel? Acertou, o infame “Mercador da Morte” e “Senhor da Guerra”. Pelo facto de alguém o ter demonizado há muitos anos, fácil seria convencer toda a gente de que Victor Bout vendia armas, mas não só, também armas nucleares e até mesmo armas termo-nucleares, tudo a leilão pela melhor oferta. Esta é a razão que explica porque estiveram tão unidos os russos aos norte-americanos neste acordo aparentemente estranho - armar uma cilada a Victor Bout. Na verdade, não parece tão estranho, quando analisamos as circunstâncias de que se revestiu o caso, pois ambas as partes procuram urgentemente fechar o dossier Pentágono e, simplesmente, não é possível encontrar melhor que Victor Bout para o lugar de bode expiatório das vendas

de tais mísseis a terroristas. Não existe outra pessoa no mundo que pudesse desempenhar melhor o papel.

Debrucemo-nos sobre o alegado sócio no negócio com as FARC, Andrew Smulian, preso ao mesmo tempo que Victor. O que lhe sucedeu?

O denominado “cúmplice de conspiração”, Smulian, foi um amigo antigo de Bout e um antigo sócio de negócios. Neste caso, porém, Smulian foi um “cúmplice de conspiração” dos agentes provocadores da DEA que prepararam a armadilha a Victor, em vez de “cúmplice” de Bout. Não é verosímil ser-se “cúmplice de conspiração” de uma pessoa que é inocente. Trata-se aqui de clarificar os termos que usamos, se me perdoa o preciosismo desta correcção. Andrew Smulian foi quem visitou assiduamente Victor Bout em Moscovo, tendo-lhe apresentado inúmeras ofertas de negócios - tendo-lhe prometido, em particular, encontrar bons clientes para o último avião em poder de Victor, ainda hoje parqueado nos Emiratos Árabes Unidos, património que Victor ansiava por se alienar em troca de dinheiro vivo de que estava necessitado. Como um à parte, convém esclarecer que Victor estava praticamente arruinado, mesmo antes de ser preso em Banguécoque e a venda do seu último avião era um negócio a que ele dava grande importância.

Smulian terá atraído Victor a Banguécoque para negociar, finalmente, a venda do avião com os potenciais compradores. No decorrer das negociações, pelo que consta nos documentos presentes ao tribunal pelo governo dos EUA, Smulian terá apresentado a Victor várias pessoas com aspecto de latino-americanos e que, alegadamente, falavam espanhol. Tais pessoas eram alegadamente pertencentes à organização revolucionária colombiana chamada FARC - considerada basicamente como uma guerrilha marxista, em guerra com o governo capitalista da Colômbia desde há várias décadas. A transacção do avião foi concertada no centro de negócios do hotel. Poucos minutos passados do início da reunião, a polícia tailandesa e agentes da DEA da embaixada norte-americana local irromperam pela sala adentro e prenderam toda a gente: Victor Bout, o seu “amigo” de Moscovo (que se verificou ser um coronel da FSB) e Andrew Smulian. Dos três, só Victor acabou preso. O coronel da FSB, amigo de Victor, foi imediatamente libertado, levado ao primeiro avião disponível com partida para Moscovo e apareceu nesta cidade na manhã seguinte.

Andrew Smulian terá-se-á escapado (isto é, escapado da custódia da polícia tailandesa) e desaparecido. Repare que, supostamente, escapou de um hotel com portas trancadas e guardado por mais de 150 comandos militares tailandeses. Então, sem que ninguém se desse conta da fuga, mesmo estando com as mãos algemadas atrás das costas, terá tomado um taxi para o aeroporto. Uma vez aí chegado, sem dinheiro e sem passaporte terá comprado bilhete para os EUA, o único país onde enfrentaria, caso fosse preso, uma pena de 30 anos de cadeia. Esta é a versão norte-americana dos acontecimentos. O Sr Andrew Smulian apareceu “de repente” nos EUA, onde foi preso em Nova York por cumplicidade com Victor Bout. Há informação confirmada de que Andrew Smulian foi tornado testemunha de acusação contra o seu antigo amigo. Nos EUA, Smulian não se

encontra preso: está sob “custódia protectora”.

Qual a sua opinião sobre os dois advogados de Bout: Lak e Chamroen?

Lak foi meu advogado durante muitos anos e, como é natural, conheço-o muito bem. Fui eu o primeiro a recomendá-lo a Victor neste caso. Lak foi apresentado a Victor a 7 de Março de 2008, quando Victor foi conduzido à esquadra da polícia, isto é, antes de ser presente ao tribunal. Quando foi levado ao tribunal, Lak estava lá e os primeiros argumentos da defesa - tanto escritos como ditos - foram feitos por Lak. Lak foi quem conseguiu a devolução do passaporte e outros pertences pessoais de Victor: o telefone móvel e o computador, apesar de os norte-americanos terem requerido estes dispositivos para os transferir para os Estados Unidos. Lak conseguiu um bom acordo com a polícia local para a recuperação quase imediata de todos estes objectos inestimáveis, com grande pesar e desconcerto do governo dos EUA. Mais tarde, Lak trabalhou também no processo de defesa do caso criminal e de extradição e na queixa contra a detenção ilegal de Victor. Porém, graças aos esforços subterrâneos dos serviços secretos russos, Lak foi despedido do caso e substituído por um novo advogado, Chamroen.

Este último foi um laçao do DEA norte-americano. Foi apresentado a Victor através de um longa cadeia de pessoas que trabalhavam como agentes não-oficiais da DEA. Mas não se engane. Chamroen, estando 100% demonstrado que foi um servente da DEA, foi introduzido neste processo por nem mais, nem menos que os oficiais dos serviços secretos russos, com plena consciência do que estavam a fazer. Os russos que apresentaram Chamroen a Victor sabiam de certeza que era subserviente aos norte-americanos e, apesar desse conhecimento, apresentaram-no a Victor recomendando vivamente os seus serviços. Chamroen foi quem resistiu e frustou todas as tentativas positivas de defender Victor; adoptou uma linha de argumentação no processo de extradição totalmente inadequada; conseguiu que Victor perdesse uma causa que tecnicamente tinha todas as chances de ganhar. Além disso, Chamroen fez os possíveis para impedir que aquilo que chamou o “campo de Bout” submetesse ao tribunal tailandês documentos clarificadores das acusações ridículas dos norte-americanos, documentos que constituíam a base para uma defesa a sério de Victor.



Victor Bout com colete à prova de bala, como precaução pela sua segurança.

Deve supor que Chamroen, além do mais, não foi barato: custou a Victor muito mais 100 mil dólares dos EUA o que, para os padrões tailandeses é uma soma fabulosa. No período em que o trabalho da defesa tinha um valor preponderante para o desfecho do processo - isto é, durante as audições do tribunal de primeira instância e aceitação dos documentos - o caso esteve sob controle de Chamroen. Eu consegui re-introduzir Lack no caso à custa de um expediente: já não como advogado de Victor, mas como advogado da mulher de Victor, Alla, que apresentou ao tribunal uma queixa adicional contra a detenção ilegal do seu marido, queixa essa que foi acrescentada ao processo principal de extradição.

Foi assim possível forçar o regresso de Lak, investido de uma nova qualidade, ao processo nos momentos finais. Porém, nesta altura, já foi demasiado tarde. O processo já estava perdido por Chamroen, que intencionalmente evitou chamar as testemunhas certas para a defesa e que sabotou o contraditório na inquirição das testemunhas de acusação. Apesar de ser apenas o advogado de Alla e não de Victor, ainda assim Lak conseguiu fazer reverter a decisão para algo mais favorável no último instante. Em vez de Alla se apresentar apenas como testemunha no processo de detenção, Alla tornou-se a testemunha principal no processo de extradição, mau grado todos os esforços em contrário de Chamroen.

O testemunho de Alla foi, provavelmente, a prova mais contundente acrescentada ao processo de extradição, graças a Lak. Lak conseguiu ainda impedir a aceitação pelo tribunal de um novo conjunto de provas que os norte-americanos tentaram submeter ao juiz quando as audições estavam praticamente terminadas. Os norte-americanos submetam as novas “provas” ao tribunal contando

com a cumplicidade silenciosa de Chamroen e foi Lak quem levantou a voz para objectar, mesmo sem estar investido formalmente de competências para se pronunciar nessa matéria. Assim, os acrescentos mais perigosos preparados pelos norte-americanos para submeter ao tribunal acabaram rejeitados. Tire agora as suas conclusões sobre quem é Lak e quem é Chamroen. Acontece que, quando o veredito desfavorável a Bout foi pronunciado, foi Lak quem conseguiu evitar a extradição imediata de Victor para os EUA. Chamroen, simplesmente, desapareceu.

Só para esclarecimento, será que o avião que transportaria Victor aos EUA chegou realmente a Banguecoque, ou regressou pouco depois da decolagem?

O avião com os guardas prisionais armados chegou efectivamente a Banguecoque, mas regressou aos EUA sem o prisioneiro, graças a Lack.



**Jacto dos EUA na base aérea de Don Mueng,
à espera de Victor Bout para o conduzir aos EUA**

O que expôs é absolutamente incrível. Não tanto pela traição do governo russo e do advogado de Victor, mas pela estupidez em geral que envolveu todo este caso. Porque razão não se pronunciou e como foi possível que Victor e a sua mulher não se dessem conta de o que lhes estavam a fazer? Lamento dizer-lhe, mas não acho plausível.

Eu também não! O modo como tudo isto aconteceu deixa-me preplexo. Poderá, no entanto compreender, se levar em conta os factores psicológicos que actuam em situações excepcionais e que Victor e a sua mulher, notoriamente, não são criminosos profissionais, apenas pessoas completamente normais e inocentes. O problema é que Victor não se apercebeu a tempo de que estava a ser apontado

como “aquele” que vendeu o míssil que atingiu o Pentágono aos terroristas. Parece que só agora, depois de perder o caso na instância de recurso, tal como eu o havia avisado há muito tempo, começou lentamente a tomar consciência do que estava efectivamente a acontecer-lhe e quem foram os que se moveram na sombra para montar esta armadilha. Antes, porém, estava confiante de que iria vencer o caso. A sua vigilância foi ludibriada por falsas promessas e pelas garantias irresponsáveis dos funcionários russos, que Victor levou a sério. Tente colocar-se no seu lugar. Está atrás das grades, vão-lhe dizendo continuamente de que tudo está sob controlo e a sua mulher vai corroborando, reproduzindo garantias dadas por responsáveis em Moscovo no mesmo sentido (não se esqueça de que Alla Bout foi sempre convidada por oficiais de alta patente em Moscovo), além das garantias dadas pelos serviços secretos. O simples facto de estes “grandes” condescenderem em falar com ela e assegurarem-lhe, que tudo estava “sob controlo” produziu o resultado esperado. Quem duvidaria, quando os serviços secretos e funcionários do governo do seu próprio país prometiam toda a ajuda possível, com a alegada chancela do Presidente da República, tudo confirmado por declarações públicas do Ministro dos Negócios Estrangeiros? Acha que a sua vigilância não seria igualmente afectada?



**Alla Bout e Dimitri Khalezov preparando documentos
sobre o julgamento para a imprensa**

Victor e a sua mulher, simplesmente, não tinham razões para suspeitar, naqueles dias, que os funcionários russos seriam capazes de tamanha malfetoria. É preciso ser-se cínico para se desconfiar de funcionários russos numa situação como aquela, mas Victor é claramente uma pessoa demasiado boa e demasiado

inocente para isso. Para enfraquecer a posição de Victor em tribunal, os russos indigitaram agentes profissionais dos serviços secretos, que sabem desempenhar muito bem as suas missões. Sabem ser convincentes, quando mentem. Concederá que é difícil lidar com profissionais tão bem preparados, quando se é apenas uma pessoa inocente, sem antecedentes criminais, sem prévias condenações, sem contactos anteriores com o sistema judicial e sem experiência dos aspectos internos de funcionamento dos serviços secretos. Acrescente agora que, pelo facto de nem Victor nem a sua mulher serem advogados, tomaram como “razoável” o ridículo método de desfesa sugerido pelos funcionários russos, não se dando conta do jogo sujo que se escondia por trás dele.

O Sr conhece este caso melhor do que qualquer outra pessoa. O governo do EUA sabem o quanto o Sr é perigoso, tão bem como o governo da Rússia. Será que algum destes governos tentou comprar o seu silêncio ou o ameaçou?

Sim, é verdade! Por diversas ocasiões, os norte-americanos tentaram tanto uma coisa como a outra: assustar-me com a perspectiva de também eu acabar na prisão com uma acusação qualquer e aliciar-me com dinheiro. Primeiro, prometeram-me pagamentos confidenciais caso os ajudasse a despachar Victor para os EUA, prejudicando de forma não declarada a sua posição face ao tribunal, como fez Chamroen. Quando recusei, ainda acrescentaram que estavam dispostos a pagar-me para eu, simplesmente, não me intrometer, mantendo-me afastado, prescindindo de ulteriores visitas a Victor, ulteriores assistências às sessões de audiências ou a mais conselhos a Victor e à sua mulher. Também recusei.

Quanto ao governo russo, não se dispuseram a oferecer-me dinheiro nem a ameaçar-me, pois seria demasiado arriscado para o lado deles. Não se esqueça de que, enquanto os norte-americanos eram os inimigos declarados da defesa de Victor, os russos assumiam publicamente ser “amigos de Victor”. Logo, enquanto os norte-americanos podiam encarar subornos em dinheiro ou ameaças a quem defendesse Victor com naturalidade, os russos estavam impedidos de tomar iniciativas semelhantes, sob pena de se auto-denunciarem.

Às claras, os russos nunca manifestaram o seu desagrado por causa das minhas iniciativas, procuraram antes afectar a minha reputação difundindo rumores: pela minha alegada “cooperação com os americanos”; com afirmações, “Dimitri não merece confiança”, etc. Devo reconhecer que estes esforços não foram falhos de resultados numa fase inicial do julgamento: repare que a mulher de Victor, repentinamente, perdeu a sua confiança em mim e também, como já referi, os russos conseguiram afastar Lak do processo e substituí-lo por outro advogado.



Alla Bout, Dimitri Khalezov e Lak Nittiwattanwichan

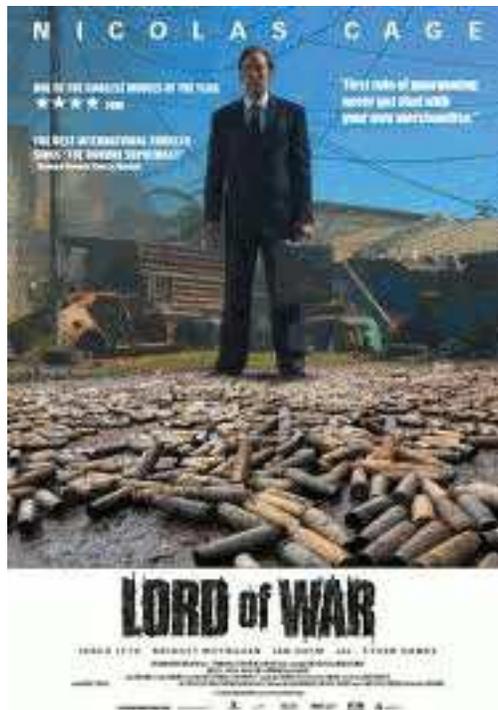
Quão valioso é Victor Bout para os EUA?

Se pensa que Victor Bout tem algum valor para os EUA como “Mercador da Morte” e “Senhor da Guerra”, está redondamente enganado. Muitos dos que acreditam na propaganda ocidental estão também convencidos de que Victor Bout é procurado nos EUA por alegado envolvimento no tráfico de armas, como pretende o filme de Hollywood, o livro e publicações periódicas históricas do Ocidente. Totalmente falso. Compreenda que Victor Bout nunca vendeu qualquer arma, seja legal ou ilegalmente, seja em África, na Ásia ou em qualquer outro sítio. Ao longo da sua vida, nem uma simples pistola Makarov ou uma simples AK-47, muito menos grandes quantidades de armas de fabrico soviético. Sim, é verdade que, em várias ocasiões, a companhia aérea dirigida por Victor Bout e pelo seu irmão Sergei Bout transportou realmente armas, munições e até tropas armadas. A questão é que não foram as suas armas, foram as armas dos seus clientes. Além de que tais clientes foram clientes legais. Sempre que a companhia aérea de Victor e Sergei Bout transportou armas ou militares armados, foram armas e tropas do exército governamental. Nem uma única vez um avião de Victor ou do seu irmão transportou armas de clientes ilegais.

Porém, algo muito óbvio está a escapar. Victor Bout não pode ser transformado num “mercador de armas ilegais” por acção dos meios de difusão ocidentais. Somente uma sentença em tribunal pode fazê-lo. Mas nem uma só vez, durante tantos anos, foi Victor pronunciado em tribunal ou acusado de ser um negociante de armas ilegais. Não há registo de uma única iniciativa de um governo, um qualquer que fosse, ou de um acusador público ou das Nações Unidas,

ou de uma outra organização qualquer - pública ou privada - de intentar uma acção contra Victor Bout por este, alegadamente, ser um “Mercador da Morte”.

Porque não? - perguntar-me-á. A resposta é simples: porque não existem provas consistentes, susceptíveis de serem apresentadas em tribunal. A imagem de Victor Bout para consumo público foi criada exclusivamente por um filme de Hollywood, um livro de Douglas Farah e um relatório forjado nas Nações Unidas, da autoria de um inspector sem escrúpulos, Johan Peleman. Alguns antigos colaboradores do Sr Peleman quiseram testemunhar em tribunal que o nome de Victor Bout havia sido acrescentado aos relatórios das Nações Unidas na fase final da sua redacção e que tal nome era omissivo em todas as versões preliminares dos relatórios das Nações Unidas sobre o tráfico de armas. O Sr não pode processar Victor Bout como negociante de armas ilegais, apresentando como prova em tribunal apenas a compilação do desavergonhado Peleman, ou trazendo à sala de audiências o filme “O Senhor da Guerra” no lugar de provas materiais. É exactamente por isso que os norte-americanos não desejam Victor Bout como mercador de armas, como muitos crêem. A prova, simplesmente, não existe.



A razão porque os norte-americanos pretendem Victor Bout é algo diferente. Este “algo” tem a ver com o facto de a imagem hollywoodiana do “Mercador da Morte” não ser admissível nos tribunais dos EUA. Algumas acusações verdadeiras e demonstráveis têm que ser produzidas para que ele seja preso. Os norte-americanos não encontraram melhor que o DEA para esta finalidade. Como

a área de intervenção do DEA é o tráfico de drogas, o seu modus operandi é condizente: plantar drogas nas vítimas e conseguir prendê-las. Esta abordagem simples foi também aplicada no caso de Victor Bout. Os agentes da DEA montaram uma operação que tem um aspecto normal aos olhos de um agente-provocador da corporação, mas é ridícula para todos os outros. Acontece que este agente foi um antigo amigo de Victor Bout, Andrew Smulian, que ofereceu um negócio. Porém, em vez de colocar drogas nos bolsos de Bout, a DEA “plantou” documentos forjados, falsas conversas telefônicas e correspondência eletrônica “interceptada”, alegando que Victor Bout: 1) detinha em seu poder mísseis terra-ar portáteis; 2) pretendia vendê-las aos rebeldes das FARC na Colômbia; 3) assim procedendo, visava participar no assassinato (sic) de militares cidadãos dos EUA em serviço na Colômbia.

Apesar de, e contrariamente à rotineira colocação de heroína nas suas vítimas, o DEA, desta vez, não ter conseguido plantar mísseis terra-ar em Victor, este esquema ridículo mereceu, da parte do oficiais superiores da DEA, a avaliação de suficientemente bom para ser usado em tribunal. Só depois desta provocação da DEA, os funcionários dos EUA se atreveram, finalmente, a prender Victor Bout e entregá-lo ao tribunal. Antes disso, nada tinham na mão que pudesse ser admitido na sala de audiências. Logo, não faz sentido sequer falar nas alegadas “atividades criminosas” de Victor Bout em África ou qualquer outro sítio, relacionando-o com este caso. Este caso tem um âmbito restrito à alegada venda de “mísseis terra-ar portáteis” às FARC da Colômbia e nada para além disso.

Esta é a versão pública da história. Existe, porém, uma parte secreta nesta mesma história. Victor Bout não é pretendido nos EUA por causa destes absurdos mísseis terra-ar portáteis inexistentes. Esta armadilha tosca nunca poderia passar num tribunal norte-americano. Victor é pretendido nos EUA, na verdade, por um motivo muito mais grave e que não pode transparecer na esfera pública, menos ainda discutido em qualquer tribunal ou tribuna aberta. Quero dizer, poderá comparar esta situação com a que ocorreu quando o infame bombardeiro atômico Timothy McVeigh foi publicamente indiciado de usar armas de destruição massiva (disfarçadas debaixo de fertilizante barato no camião de Ryder) contra cidadãos dos EUA, porém o julgamento decorreu, por estranho que pareça, à porta fechada. O mesmo se passa com o caso Victor Bout.

Parece claro que os funcionários dos EUA, em especial os responsáveis pelos assuntos jurídicos, são suficientemente sagazes para se aperceberem de que nunca iriam vencer o actual caso contra Victor Bout com os métodos de provocação da DEA, principalmente porque não foi encontrado qualquer míssil e a DEA nem sequer se deu ao trabalho de o procurar.

Porque pensa que isso aconteceu?

Porque sabiam que toda a história era forjada e que não iriam encontrá-lo em lado algum. Eis porque nem tentaram ir atrás dos mísseis. A causa real da extradição de Victor Bout não reside nos inexistentes mísseis terra-ar portáteis. A causa real é a colaboração secreta do governo dos EUA com o governo russo

para culpar um indivíduo chamado “Victor Bout” pela venda aos terroristas de um míssil de fabrico soviético “Granito” que atingiu o Pentágono em 11 de Setembro de 2001. E esta é a verdade escondida por detrás do julgamento de Victor. E quanto a esta parte secreta do caso, os juristas norte-americanos estão confiantes de vencerem nos EUA, num tribunal à porta fechada. Pois parece que a FSB russa, secretamente, preparou algumas “provas” convincentes que implicam Victor Bout nesse alegado negócio e, aparentemente, os funcionários norte-americanos são suficientemente ingênuos para acreditarem nos seus colegas russos e acalentarem a esperança de que, munidos de tais “provas”, poderão conduzir o processo do 11 de Setembro a uma conclusão satisfatória. Victor Bout está sendo secretamente acusado de vender armas nucleares - conhecidas como “mini-bombas atômicas” ou “bombas atômicas de mala” - a várias organizações terroristas, desde as FARC colombianas a Al-Qaeda de Osama bin Laden. Aparentemente, vários bombardeamentos nucleares recentes, verdadeiros ou fictícios, estão a ser secretamente atribuídos a Victor Bout. Sendo o mais importante de todos, o infame bombardeamento nuclear de “El Nogal” de Bogotá, apresentado aos não-iniciados como provocado por um carro-bomba e que, conforme fontes da segurança dos EUA, usou o mesmo tipo de mini-bomba atômica que o usado em 1985 no bombardeamento de Oklahoma.



Atentado em Oklahoma em 1995

Dimitri, o Sr é um ex-oficial dos serviços de informação nucleares da 12ª Divisão das Forças Armadas Soviéticas. A pronúncia pública de acusação de 26 de Agosto de 2009 declarou que Bout conspirou para fornecer mísseis balísticos guiados às FARC. Será que sugerem que Bout esteja envolvido em terrorismo nuclear?

Sim. Neste caso, foi um lapsus linguae, um acto falhado freudiano. Nos papéis oficiais do caso Victor Bout no Tribunal tailandês, assim como nos pedidos

oficiais norte-americanos de extradição, não aparece a expressão “míssil balístico guiado”. Falam em “mísseis terra-ar portáteis” (são bastante pequenos para poderem carregar-se ao ombro). Na sombra, porém, os funcionários dos EUA procuraram convencer os seus colegas tailandeses que, apesar da provocação dos mísseis terra-ar ser bastante grotesca, a causa real para a extradição de Victor era mais séria, mas que, infelizmente, não estavam autorizados a pronunciar-se sobre ela publicamente, tão-pouco a mencioná-la em sessões públicas no tribunal.

Assim, de modo a convencerem os tailandeses a aceitar o caso de extradição, mau grado a falta de provas e as numerosas violações da lei tailandesa, não tiveram outra escolha senão revelar a “horrenda verdade”, pelo menos a alguns funcionários tailandeses. Logo, os oficiais superiores da segurança e da polícia e uns poucos procuradores tailandeses seleccionados sabiam muito bem que Victor era procurado, não por vender mísseis portáteis, mas por vender o míssil cruzeiro com carga termo-nuclear, não explodida, equivalente a 500 kilo-toneladas de TNT que atingiu o Pentágono em 11 de Setembro de 2001 e, por um triz, fálhou a icineração completa da cidade de Washington, devido a uma avaria no detonador.

Mas porque a Tailândia é um país sem mísseis e não-nuclear, os tailandeses não distinguem bem a diferença entre mísseis de cruzeiro e mísseis balísticos, acontecendo que o acusador público enganou-se ao acreditar que o Pentágono foi atingido por um míssil balístico com ogiva termo-nuclear, quando, na realidade, foi atingido por um míssil cruzeiro com ogiva termo-nuclear. É compreensível esta confusão da parte tailandesa, pois também a diferença não é grande para o que interessa. Se, porém, tentarmos comparar o míssil portátil de poucos kilogramas com os dez-metros-de-comprido míssil balístico de algumas toneladas, aí sim, encontramos uma enorme diferença. Sendo desculpável a confusão entre os mísseis balísticos com os de cruzeiro na boca do procurador público (que não era um militar, já agora), dado que era tailandês, já o mesmo não poderíamos dizer quanto a alguma confusão na cabeça de um oficial norte-americano (pois se trata de um oficial militar superior), misturando no mesmo saco mísseis portáteis com os outros dois.



Exemplo de mini-bomba nuclear numa pasta

Houve uma discussão no Conselho de Segurança da Tailândia sobre se Bout estava a ser culpado pelo ataque ao Pentágono em 11 de Setembro; se pelo míssil, se pela sua carga termo-nuclear, ou se por ambos. Aparentemente, o procurador geral apanhou a ideia nessa reunião e descaiu-se na redacção da acusação, mencionando acidentalmente o “míssil balístico guiado” em vez do “politicamente correcto” “míssil terra-ar portátil”. Respondendo à segunda parte da sua pergunta: Sim! Victor Bout, tudo leva a crer, é pretendido pelos EUA por nada menos do que: terrorismo nuclear. Está sendo secretamente culpado de, no mínimo: 1) vender o míssil de fabrico soviético “Granito” com carga termo-nuclear equivalente a meia mega-tonelada de TNT a terroristas, que mais tarde o lançaram contra o Pentágono, em 11 de Setembro de 2001; 2) vender três ou mais mini-bombas de fabrico soviético conhecidas como RA-115 e RA-116 a terroristas, antes de 11 de Setembro de 2001 (é o que parece, ao ler-se o artigo publicado no jornal “El Mundo” a 16 de Setembro de 2001; mas também pelo comunicado oficial do ex-director dos serviços secretos norte-americanos, D.Negroponte publicado imediatamente após a detenção de Victor Bout em Banguecoque, em Março de 2008 e disponível aqui: http://www.csis.org/media/isis/pubs/tnt_03-08.pdf); finalmente, 3) vender urânio enriquecido de qualidade bélica a terroristas - como sugere o rumo da ofensiva contra as FARC e, em especial, contra o grupo de Raul Reyes na floresta equatoriana, cinco dias antes de Victor Bout ser atraído a Banguecoque para aí ser preso.

Para melhor compreensão dos nossos leitores, explique, por favor, a diferença entre míssil balístico com ogiva termo-nuclear e míssil de cruzeiro com ogiva termo-nuclear.

Um míssil balístico é lançado verticalmente e viaja a uma velocidade próxima do primeiro voo cósmico, bem acima da atmosfera terrestre, numa trajetória chamada balística - isto é, os seus propulsores levam o míssil balístico até ao chamado “espaço” e então a sua cabeça cai para o alvo a partir do espaço, da mesma maneira que um meteoro. Poderá, grosso modo, comparar a trajetória de um míssil balístico à de uma bola de futebol, quando um guarda-redes a atira desde a sua área para o meio campo contrário. Um míssil de cruzeiro é muito mais lento do que um míssil balístico: a sua velocidade é um pouco abaixo ou um pouco acima da velocidade do som e o míssil viaja até ao seu alvo (e entrega-lhe a carga) sem sair da atmosfera, como faria um típico avião a jacto. O míssil “Granito” em especial, que é muito dispendioso e muito avançado, viaja à velocidade de 2,5 mach quando está na altitude de cruzeiro e abranda para 1,5 mach na descida e quando entra na parte final da sua rota de ataque - paralela ao solo (como foi demonstrado do ataque ao Pentágono em 11 de Setembro de 2001). No que se refere à carga termo-nuclear, não há diferenças. Não sentirá qualquer diferença quando uma carga de meia mega-tonelada produzir repentinamente uma luz branca ofuscante e, nos mili-segundos seguintes, o incinerar com a sua radiação térmica intensa. Não importa que tal ogiva tenha caído do espaço vinda de um míssil balístico, ou voado horizontalmente a bordo de um míssil de cruzeiro. Os efeitos de ambas as explosões termo-nucleares e a destruição que causam serão indistinguíveis.

O nome de Victor Bout é frequentemente associado a alegadas vendas de mísseis X-55 ao Irão e à China. Pode falar-nos disso?

Esse é um exemplo das “fugas de informação controladas”, propositadamente postas a circular para emprestar alguma credibilidade junto dos oficiais sem estatuto suficiente para conhecerem a verdade completa, mas a quem se poderia dar uma meia-verdade. A história da venda ilegal de X-55 não passou de uma operação de diversão, para desviar as atenções do verdadeiro culpado - o horrendo míssil “Granito”. Falar do míssil “Granito” que atingiu o Pentágono é tabú. Está fora dos limites. Apenas uns poucos oficiais de alta-patente da segurança dos EUA (assim como oficiais de alta-patente da segurança da Rússia e de alguns países aliados dos EUA da máxima confiança) estão habilitados a saber que o míssil foi o “Granito”. Para todo o resto, só conhecer esta palavra já é tabú. Mas muita gente sabe que foi um míssil (e também que foi um míssil de fabrico soviético ou russo) que atingiu o Pentágono. O problema é que aqueles que sabem a verdade ou têm suspeitas são muitos mais do que aqueles que estão qualificados para a conhecer com os pormenores completos. Há, então, que alimentar com meias-verdades os que não podem conhecer a verdade total e para isso foi forjada a história dos mísseis X-55.



O míssil soviético X-55

Em segundo lugar, mesmo do ponto de vista técnico a história dos mísseis X-55 não pode ser verdadeira; este míssil não seria capaz de perfurar 6 (seis!) paredes de betão reforçado do Pentágono, como aconteceu no ataque de 11 de Setembro. Em todo o mundo, só existe um míssil capaz desta proeza. Significa então que tanto norte-americanos como russos estão a envidar os máximos esforços para evitar o conhecimento público dos factos, ao mesmo tempo que procuram aprisionar e levar a tribunal alguém alegadamente responsável pela realização do ataque. Daí a perseguição a Victor Bout. Daí as histórias ridículas dos negócios ilegais dos mísseis X-55 (que também são compatíveis com cargas nucleares. A propósito, tenha em consideração este ponto importante: o facto de os mísseis X-55 serem compatíveis com cargas nucleares vem sendo cuidadosamente referido de cada vez que se alega que Victor Bout e seus companheiros venderam estes mísseis da Ucrânia ao Irão).

Soube que a primeira pergunta dirigida a Bout pela DEA no interrogatório foi sobre o nome do míssil de cruzeiro que ele teria vendido ao Irão. Porque teriam feito tal pergunta?

Sim, é verdade! A primeira pergunta feita a Victor quando foi preso não mencionava os ridículos e inexistentes mísseis terra-ar portáteis, que ele alegadamente tencionava vender às FARC da Colômbia. A primeira pergunta foi sobre mísseis de cruzeiro que alegadamente Victor teria vendido ao Irão. Tal deveu-se ao facto de os oficiais da DEA serem de patente média, insuficiente para conhecerem a verdade completa: os mísseis “Granito”. Em vez disso, haviam sido industriados pelos seus superiores sobre os alegados mísseis de cruzeiro X-55 como já indiquei.

Os órgãos de comunicação mais influentes dos EUA e da Europa fizeram um grande esforço para associar Bout às FARC e ao urânio. Qual a relação destes com Bout?

Na verdade, os oficiais da segurança têm uma dupla tarefa. Por um lado, têm que terminar a investigação sobre o míssil que atingiu o Pentágono em 11 de Setembro. Por outro lado, também têm que terminar a investigação dos numerosos casos de mini-bombas atômicas que, alegadamente ou de facto, foram usadas nos chamados atentados por “carros-armadilhados” “suicidas” e “não-suicidas”. Os mais importantes - os atentados nucleares às embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia em 1998, por ocasião do aniversário do bombardeamento de Hiroshima; em 1996, o atentado nuclear da Torre Khobar; em 1995, o atentado nuclear em Oklahoma; em 2002, o atentado nuclear em Bali; em 1993, o primeiro atentado nuclear ao World Trade Center de Nova York; vários atentados nucleares recentes no Iraque, Paquistão, Argélia e Arábia Saudita que foram noticiados como “carros armadilhados”; ainda, em 2003 o atentado nuclear a El-Nogal em Bogotá, assim como o anterior atentado nuclear em Bogotá, em Novembro de 1999, ambos atribuídos às FARC. Como não há muitos especialistas em armas nucleares disponíveis para consulta, fica a impressão junto dos leigos de que é possível produzir artesanalmente bombas nucleares de pequeno calibre feitas de urânio (quando, na realidade, todas as mini-bombas são feitas exclusivamente de plutónio e nada têm a ver com urânio).

Bem, será então possível produzir domesticamente bombas nucleares de baixo calibre?

Ao se explorar o desconhecimento geral do grande público (inclusivé a de muitos oficiais de segurança e políticos de topo) relativamente a armas nucleares, foram largamente disseminadas numerosas concepções erradas, algumas já apontadas. É certo que muitos oficiais de segurança e políticos acreditam sinceramente que seja possível arranjar 50 kilogramas (a massa crítica) de urânio-235 altamente enriquecido no mercado negro e confeccionar uma mini-bomba com ele. Na realidade, é impossível fazer “mini-bombas” nucleares com urânio, mesmo em instalações fabris, quanto mais na indústria artesanal, mas há ingénuos que crêem o contrário. Então, pessoas sem escrúpulos que efectivamente estão por detrás destes atentados por “carros armadilhados” ou “camiões-armadilhados”, sem vergonha aproveitam-se dessa ingenuidade. No caso particular do grupo das FARC dirigido por Raul Reyes, foram colocados quase 50 Kg de urânio-235 enriquecido de qualidade bélica, próximo, mas oculto, do acampamento de Reyes na floresta equatoriana; em seguida, mataram Reyes e, disfarçadamente, descarregaram alguns ficheiros no seu computador, a partir dos quais foi proclamado que Reyes e o seu grupo foram, alegadamente, os responsáveis pelos atentados nucleares de 2003 em Bogotá e andavam à procura de mais fornecimentos de urânio-235 enriquecido de qualidade bélica. Os ingénuos oficiais que pouco entendem da tecnologia das armas nucleares podiam, ao menos, tomar a devida nota deste pormenor importantíssimo: os 50 Kg de verdadeiro

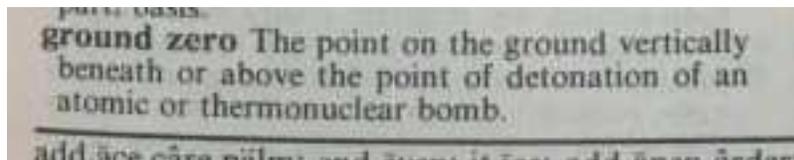
urânio-235 enriquecido de qualidade bélica, encontrados perto do acampamento de Reyes, constituem uma confirmação de que ambos os atentados de Bogotá, o de 1999 e o de 2003, foram feitos com mini-bombas nucleares. Este cenário, porém, não deve levar ao engano: qualquer um destes atentados em Bogotá, assim como o de Oklahoma em 1995 e os restantes bem conhecidos, feitos pelos misteriosos “carros armadilhados”, usaram “mini-bombas” nucleares de plutônio e não de urânio; os 50 kg de urânio-235 enriquecido colocados nas proximidades do acampamento de Reyes não devem iludir pessoas sérias, convencendo-as do contrário.

Quanto a Victor Bout, se analisar com cuidado as informações tornadas por diversas entidades, descobrirá o seguinte: 1) a alegada ligação de Victor Bout às FARC é mencionada na mesma lista de “provas” onde se “revelam” os ficheiros do computador de Reyes, o qual, alegadamente, estava prestes a comprar 50 kg (a massa crítica para construir uma bomba atômica, semelhante à que foi usada em Hiroshima) de urânio-235 enriquecido de qualidade bélica, lançando, ao mesmo tempo, sobre Reyes a responsabilidade pelo atentado por meio de “carro-armadilhado” feito contra El-Nogar (conhecido no seio das forças de segurança como sendo um atentado nuclear); 2) a “rota internacional” para transporte dos “mísseis terra-ar portáteis” que Victor Bout haveria alegadamente usado, a saber: Rússia - Arménia - Roménia - Dinamarca - Antilhas Holandesas - Colômbia coincide estranhamente com a rota alegadamente usada no transporte de urânio-235 enriquecido de qualidade bélica destinada a Reyes, urânio esse encontrado no acampamento de Reyes após o seu assassinato pelos norte-americanos no 1º de Março de 2008, cinco dias apenas antes da prisão de Victor Bout em Banguocoque. Convido cada um a retirar as suas próprias conclusões.



Acrescentemos agora que os responsáveis norte-americanos exploram duas

linhas explicativas respeitantes à demolição dos edifícios do World Trade Center em 11 de Setembro de 2001. Imagine que é muito significativo o número daqueles oficiais da segurança de patente intermédia e também de políticos, suficientemente sagazes para não se convencerem do poder da querosene em “fundir aço”, muito menos em reduzi-lo a gotículas tão microscópicas que ficam em suspensão na atmosfera; oficiais e políticos esses que não ignoram que a expressão “ground zero” possui um significado militar preciso, constante em todos os dicionários de língua inglesa anteriores ao 11 de Setembro, a saber, “o lugar de uma explosão nuclear”. Este tipo de gente, portanto, não engulirá a explicação dada à plebe de “queda das torres provocada pelos aviões”. Alguma explicação mais racional e plausível terá que ser apresentada para os contentar. Assim, o guião para o “nível intermédio da verdade” sobre os eventos de 11 de Setembro - destinado a satisfazer os oficiais e políticos intermédios dos EUA e de outros países - prescreve que as duas Torres Gémeas, assim como o Edifício 7 do World Trade Center foram demolidos por 3 mini-bombas nucleares, alegadamente pertencentes a operacionais de Osama bin Laden. Poderá confirmar esta minha afirmação no artigo “Mi hermano bin Laden”, publicada pelo jornal espanhol El Mundo, a 16 de Setembro de 2001. No entanto, uma vez declarado que o World Trade Center foi demolido por três explosões nucleares de engenhos soviéticos, alegadamente trazidos por Osama a partir da Ucrânia, então, como responsável pela segurança, torna-se necessário encontrar a pessoa, russo ou ucraniano, que foi a primeira a roubar as mini-bombas do arsenal nuclear soviético e que vendeu tão medonho armamento aos terroristas. Não lhe parece? Eis porque os norte-americanos tentam implicar Victor Bout no negócio de mini-bombas, nos materiais de qualidade bélica, além dos mísseis com ogivas de meia-megatonelada que costumam sobrevoar e golpear os pentágonos. Aparentemente, Victor Bout serve como bode expiatório para tudo o que seja nuclear. É assim que a perseguição sem precedentes a Victor Bout começa apenas depois de 11 de Setembro de 2001 e, pelos indícios, relacionada com o 11 de Setembro. leia o comunicado de D. Negroponte (disponível aqui: http://www.csis.org/media/csis/pubs/tnt_03-08.pdf), publicado imediatamente após a prisão de Victor Bout em Banguécoque e que, além disso, é inteiramente dedicado à sua prisão. Se comparar agora o comunicado de John D. Negroponte com o artigo citado de “El Mundo” sobre a 3 mini-bombas alegadamente trazidas por Osama bin Laden a partir da Ucrânia, usadas na destruição dos edifícios do World Trade Center a 11 de Setembro, certamente não deixará escapar a ideia geral. Há ainda dois momentos cruciais para o esclarecimento da ligação “nuclear” que se pretende fazer entre Victor Bout, as FARC e os chamados “carros armadilhados” ou “camiões armadilhados” (encontrados em locais estranhamente denominados por “ground zero”). O primeiro momento esclarecedor ocorreu logo a seguir à prisão de Victor Bout.



Cerca de duas semanas após a prisão, foi lançado um vídeo no Youtube com o logotipo do canal de televisão “Russia Today” e com o título “O Mercador da Morte recusou ajuda em Banguécoque”. Como sabe, qualquer pessoa que se registre pode fazer comentários aos vídeos colocados no Youtube. Adivinhe qual foi o primeiro comentário a este vídeo, assinado: “amigo de Victor Bout”? Isto é o que está escrito no comentário: “Faltam 180 bombas pesadas russas, em breve os EUA irão provar o apocalipse nuclear no traseiro”. Como avalia tal comentário? Ou prefere acreditar em coincidências? Eis como os serviços secretos interpretam. Há operações bem feitas e outras mal feitas. Coincidências não existem. Especialmente quando, logo a seguir, se deu uma verdadeira explosão nuclear no Dubai, a 26 de Março de 2008. Exactamente a cidade de onde Victor Bout havia sido expulso e onde perdeu todo o seu anterior negócio de aviação. Pode inteirar-se de pormenores desta explosão nuclear aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=KRws9eHvVgw>; ou, lendo nas entrelinhas, aqui: <http://www.arabianbusiness.com/514699-explosion-in-al-quoz-in-dubai?ln=en>. Não deixe escapar expressões como “nuvem de cogumelo” e “defesa civil” neste último artigo. A propósito, quando me dei conta da provocação no Youtube e tive notícia da explosão da mini-bomba atômica no Dubai passados poucos dias, imediatamente reclamei junto do responsável da segurança na Embaixada Russa em Banguécoque. Quer saber o que então se passou? No dia seguinte, o comentário/ameaça sobre as “180 mini-bombas roubadas” e o “apocalipse nuclear” foi removido do Youtube.

Felizmente, fiz uma “captura de imagem” do ecrã do meu computador com a página do Youtube ostentando ainda o comentário que mencionei. Assim, ainda guardo essa página. Ah, quase me esquecia. Porque me envolvi na defesa legal no caso Victor Bout aqui, em Banguécoque, logo no dia seguinte à sua prisão - isto é, a 7 de Março de 2008 -, como é fácil de compreender, atraí sobre mim uma enorme atenção dos EUA. O oficial local da DEA - o Sr M. Derek Odney, responsável pela captura de Victor em Banguécoque a 6 de Março de 2008, convidou-me para beber um café com ele para “discutir um assunto” lá para meados de Abril. Como estava curioso em conhecer as perguntas que iriam fazer-me sobre Victor e também porque eu próprio pretendia ter uma oportunidade para lhes dirigir perguntas que, eventualmente, poderiam ajudar a esclarecer o mistério deste caso, aceitei “tomar o café”.



Derek apareceu com alguém que me pareceu pertencer a outro departamento, porventura dos serviços secretos militares ou da CIA. A conversa começou morna, sem referências a Victor Bout. Pediram-me para colaborar com a DEA na captura de alguns traficantes de droga em Banguécoque. Atendendo à missão da DEA, até podia parecer lógico, mas não naquelas circunstâncias, pois eu estava a ajudar Vitor no seu caso que em nada se relacionava com drogas. De qualquer forma, a conversa foi deslizando lentamente das drogas e dos traficantes para algo diferente: o companheiro de Derek perguntou-me se eu tinha conhecimento do mercado negro de materiais nucleares, em especial do urânio enriquecido e quanto poderia custar, na minha opinião, o urânio de qualidade bélica nesse mercado. Muito indelicado! Assim exprimi a minha humilde opinião, quanto à abordagem de tal assunto. Mesmo sendo essa a minha opinião, sempre acrescentei que não conhecia os valores exactos, porque não estava envolvido em tráfico ilegal de materiais nucleares.

Repliquei, perguntando-lhes se a pergunta que me fizeram se devia ao urânio altamente enriquecido que havia sido encontrado próximo do acampamento de Reyes na floresta equatoriana. Responderam-me que sim, queriam saber a resposta por essa razão, pois o governo dos EUA considerava o assunto da máxima prioridade. O mais risível foi que não foram mencionados os “mísseis terra-ar portáteis” ao longo desta conversa, apenas o urânio das FARC (os tais “mísseis terra-ar portáteis” também não constavam na menção a Victor Bout no computador de Reyes. O que lá foi encontrado foi a compra de urânio enriquecido e a responsabilidade das FARC nos “carros armadilhados”...) Esta foi a minha primeira conversa com o Sr Derek Odney.



O vídeo mais importante sobre o 911

Dimitri, avancemos para os dias de hoje. Onde está Victor e que hipóteses de defesa lhe restam?

Victor está ainda em Banguecoque. Para ser mais preciso, está na província de Nonthaburi (na orla de Banguecoque), na prisão de alta segurança de Bangwang, conhecida aqui como o “Hilton de Banguecoque”, graças ao famoso filme com o mesmo nome. Foi transferido para lá desde a Prisão Preventiva de Banguecoque, a 20 de Agosto, dia em que foi lido o veredito com a decisão da extradição.

Não é fácil responder à segunda parte da sua questão. Há várias opções disponíveis, porém, não gostaria de as expôr publicamente, porque os norteamericanos irão ler esta entrevista com grande interesse e podem tomar algumas contra-medidas. Seguramente, há aspectos pendentes relacionados com os meios legais da defesa de Victor Bout. O seu advogado Lak continua activo e tem trabalhado arduamente na sua defesa. Apesar do caso da extradição parecer “terminado” após o veredito do Tribunal da Relação, não é tão “final”, na realidade. Muita coisa ainda pode ser feita, graças a Deus.

*Texto original (em inglês) e figuras: Dobroyeutr's Blog
Tradução de António Ferrão*